

Por uma teoria feminista radical e libertadora

For a Radical and Liberating Feminist Theory
Por una teoría feminista radical y liberadora

Juliana Ben Brizola da Silva¹  0000-0002-3567-9186

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, SC, Brasil. 88040-900 – ppgich@contato.ufsc.br



HOOKS, Bell.

Teoria feminista: da margem ao centro. Trad. de Rainer Patriota.

São Paulo: Perspectiva, 2019.

Teoria feminista: da margem ao centro foi escrito por Bell Hooks em 1984, porém traduzido e publicado no Brasil apenas em 2019. A obra faz a crítica do feminismo branco burguês, trazendo para o debate feminista a discussão interseccional, atravessada pelas questões de classe, raça, gênero e sexualidade. A autora nos revela que o livro emerge da necessidade de criar uma teoria voltada para as populações empobrecidas e subalternizadas, uma teoria feminista radical que abarcasse a experiência das mulheres negras e das não brancas empobrecidas.

Bell Hooks, escritora, professora e ativista estadunidense, é considerada uma das mais importantes intelectuais da atualidade, publicou mais de trinta livros, vários deles traduzidos recentemente para o português. Por meio de uma linguagem acessível, a autora aborda temas profundos, expressando um pensamento complexo, que recusa binarismos e não cabe em formulações simplistas.

No início dos anos 1980, Bell Hooks acede à prestigiada Universidade de Yale como docente de Estudos Afro-Americanos, e no mesmo período publica *Teoria feminista: da margem ao centro*, na qual denuncia como o feminismo criado pelas mulheres brancas, ao insistir na tese de opressão comum, acaba por fechar os olhos para a injustiça social sofrida pelas mulheres negras. Ao focar os dramas vividos pelas esposas brancas privilegiadas, o movimento feminista se utilizou da ideia de opressão comum para promover liberdade individual a um seleto grupo de mulheres, que estava mais preocupado em defender seus interesses de classe do que em promover justiça social, argumenta a autora.

Ao narrar sua experiência na academia e no movimento feminista, Bell Hooks (2019) apresenta relatos impactantes do modo como ela própria e outras mulheres negras eram tratadas nestes espaços, supostamente inclusivos. Ela evidencia a condescendência das mulheres brancas que apenas valorizavam o conhecimento das negras como relatos pessoais de experiência, mostrando pouco interesse e, não raro, desprezo pelas perspectivas teóricas

interseccionais. As feministas brancas da época estavam preocupadas demais com a estrutura do movimento feminista, que era hierárquico e racista, embora nem sempre as mulheres tivessem consciência disso, e não permitiam modificações que pudessem abalar esta estrutura.

A partir da sua experiência e de suas trajetórias política e acadêmica, Hooks formula análises concisas que refletem a necessidade de criar uma teoria feminista que pudesse promover solidariedade política e transformação social, não apenas para as mulheres, mas para todas as pessoas oprimidas pelo sistema capitalista. O feminismo radical e visionário da autora borra as fronteiras entre classismo, rascismo e sexismo, mostrando que é preciso romper com as estruturas capitalistas e patriarcais, que estão na origem de toda a forma de dominação que nos afeta hoje. As duras críticas de Bell Hooks ao feminismo branco burguês estão vinculadas à tendência deste movimento a ignorar a codependência entre os preconceitos de raça, classe, gênero e sexualidade, tendência que resultou no silenciamento das pessoas negras e empobrecidas – principalmente das mulheres – e na manutenção do sistema capitalista.

Se o feminismo é a luta para acabar com a opressão sexista, ele precisa atender às demandas de todas as mulheres e não apenas das brancas burguesas, declara Bell Hooks. O feminismo não pode ser apenas um estilo de vida, não pode atender a demandas individuais, precisa ser encarado como uma política radical e, para isso, precisamos assumir e compreender as diferenças entre as opressões que sofrem as diferentes mulheres. Enquanto a casa e a família são lugares de opressão para as mulheres brancas, para as mulheres negras, muitas vezes, estes são os espaços mais seguros, onde há menor discriminação, maior compressão e apoio. E por isso é preciso considerar que, assim como as mulheres, os homens não formam um todo homogêneo. Os homens negros estão abaixo das mulheres brancas na pirâmide social de muitos países, lugares onde o racismo é ainda mais excludente que o sexismo.

Assim como não há opressão comum, não há inimigo comum: se os homens, de todas as cores, são os grandes inimigos das mulheres brancas, não ocorre o mesmo no caso das mulheres negras. Os homens negros são, muitas vezes, aliados das mulheres negras na luta contra o racismo e contra o classismo, e isso, inclusive, explica por que as mulheres negras tendem a relativizar o sexismo que sofrem no contexto familiar, de acordo com Bell Hooks.

A ideia de inimigo comum criada pelo feminismo burguês precisa ser combatida se quisermos avançar na luta feminista. A luta antirracista aproxima homens e mulheres de cor, na mesma medida em que afasta as mulheres de cor das mulheres brancas burguesas. Hooks mostra que o separatismo reacionário da supremacia feminina branca afastou muitas mulheres do movimento; sua ênfase na polarização entre os sexos resultou num modo de frear o impulso do feminismo, enfraquecendo a luta da resistência. Por esse motivo, devemos buscar formas de incluir os homens na luta feminista, alerta a autora, destacando que, embora os homens não sejam explorados pelo sexismo, são afetados por ele de diversas formas e este sofrimento não deveria ser ignorado. Além disso, ao colocar os homens como inimigos e ao atribuir o feminismo como obra das mulheres, as feministas burguesas atribuíram às mulheres uma outra tarefa baseada em papéis sexuais: a tarefa de fazer a revolução feminista.

O texto de Bell Hooks traz questionamentos cruciais para a teoria feminista contemporânea. A forma direta, assertiva e sensível como a feminista negra desenvolve sua narrativa encontra eco nas pautas trazidas para o debate, que falam sobre solidariedade política e sobre a busca de uma irmandade que perceba e aceite as diferenças entre as mulheres. Não há superação do machismo sem superação do racismo, do classismo e da lgbtfobia; precisamos abandonar as ideias de opressão comum e de identidade partilhada entre todas as mulheres para não mascarar os preconceitos de raça e de classe, que reforçam a opressão das mulheres brancas sobre as mulheres negras.

Teoria feminista: da margem ao centro não é um texto fácil de ser lido por mulheres que aprenderam a ser feministas a partir de vivências e leituras do feminismo branco burguês. Nossos privilégios e preconceitos tornam-se evidentes e precisamos encará-los. A leitura da obra me fez refletir sobre minha experiência como mulher não-branca – lida como branca em muitos contextos – que desde o Ensino Médio se autodefine como feminista, mas que poucas vezes parou para refletir como a sua luta afeta a vivência de mulheres de classes e raças/etnias diferentes. Ao mesmo tempo, me senti contemplada ao perceber que alguns dos meus incômodos com o movimento feminista branco burguês, que eu mal conseguia nomear, são apontados e enfrentados por Bell Hooks com maestria e sabedoria. Hooks põe o dedo na ferida e o faz de modo honesto e envolvente, comprometido com a justiça social para todas as mulheres.

Compartilho do desejo de erradicação do binarismo defendido por Bell Hooks e da busca por uma união que precisa começar no combate ao inimigo interno. Assumir os próprios privilégios é fundamental para o desenvolvimento de uma consciência política radical. Não nos interessa uma irmandade baseada em pressupostos racistas e classistas, que prega o amor incondicional entre as mulheres e a minimização de conflitos entre elas, mas que na prática está apenas preocupada em defender os interesses de seu próprio grupo.

Hooks e outras feministas visionárias, citadas pela autora ao longo do volume, como Ângela Davis, Audre Lorde, Maya Angelou, Charlotte Bunch e Heleieth Saffioti, nos ensinam que nós mulheres precisamos criar nossos próprios termos, aprender a dialogar sem competir pelo protagonismo no movimento. Precisamos perceber os tensionamentos e conflitos como molas propulsoras, que nos fazem crescer e progredir. Num primeiro momento as tensões podem parecer negativas e até traumáticas, alerta Bell Hooks, mas num momento posterior surgem os *insights*, as reflexões, o amadurecimento, a compreensão, a transformação. Devemos rejeitar os ideais de igualdade e liberdade individual, identificando-os como liberais, capitalistas, racistas, patriarcais, opressores, se queremos avançar em termos de garantia de direitos para todos, todas e todes. Isso não quer dizer que devemos desvalorizar as singularidades de cada sujeito, mas que precisamos estar atentos e atentas às armadilhas da ideologia capitalista que polariza igualdade e diferença.

Teoria feminista: da margem ao centro é uma obra basilar do feminismo negro estadunidense, tendo impactado profundamente a teoria feminista interseccional na contemporaneidade. O livro ensina que para acabar com a opressão sexista é preciso desafiar a noção vigente de poder e de dominação, pois não há transformação possível, em termos de melhoria de vida de todas as mulheres, sem mexer nos pilares que sustentam a sociedade capitalista. Enquanto as mulheres brancas acharem que precisam tomar o poder na sociedade, não há libertação possível para as mulheres de cor. A união vem da percepção da diferença e da tomada de consciência de classe, raça e gênero.

Referência

HOOKS, Bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Trad. de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

Juliana Ben Brizola da Silva (juliana.ben.brizola@gmail.com) é escritora e pesquisadora feminista. Licenciada em Ciências Sociais/UFRRS, Mestra em Antropologia Social/UFSC e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/UFSC, integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NUPESC), onde pesquisa a relação entre processo criativo e atuação ativista em coletivos de mulheres artistas.

COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

SILVA, Juliana Ben Brizola da. "Por uma teoria feminista radical e libertadora". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 30, n. 1, e82302, 2022.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebida em 17/06/2021

Aceita em 24/08/2021